



Lentes, pincéis e páginas

DISCURSOS DE MULHERES

ANNA BEATRIZ DA SILVEIRA PAULA
MIRIAM ADELMAN
(ORGS.)

Editora
UFPR

**Lentes,
pincéis e
páginas**

DISCURSOS DE MULHERES



Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Leandro Franklin Gorsdorf

Diretor da Editora UFPR

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Alexandre Nodari

Conselho Editorial que Aprovou Este Livro

Adriano Nervo Codato

Cristina Gonçalves de Mendonça

Diomar Augusto de Quadros

Edison Luiz Almeida Tizzot

Ida Chapaval Pimentel

Jane Mendes Ferreira

Márcia Santos de Menezes

Maria Cristina Borba Braga

Lentes, pincéis e páginas

DISCURSOS DE MULHERES

ANNA BEATRIZ DA SILVEIRA PAULA

MIRIAM ADELMAN

(ORGS.)

Editora
UFPR



Coordenação editorial

Rachel Cristina Pavim

Revisão

Camila Cesário Lérco

Revisão final

Das autoras

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Rachel Cristina Pavim

Foto da capa

Acervo pessoal de Miriam Adelman

Série Pesquisa, n. 346

Universidade Federal do Paraná. Sistema de Bibliotecas.
Biblioteca Central – Coordenação de Processos Técnicos.

L574 Lentes, pincéis e páginas: discursos de mulheres / Anna Beatriz da Silveira Paula, Miriam Adelman (organizadoras).
Curitiba: Ed. UFPR, 2020.
311 p.; 21 cm. – (Série Pesquisa, n. 346)

Vários autores.

Inclui referências.

ISBN 978-65-87448-04-6

1. Mulheres – Condições sociais. 2. Escritoras. 3. Feministas na literatura. 4. Papel social. I. Paula, Anna Beatriz da Silveira, 1966-. II. Adelman, Miriam. III. Título. IV. Série.

CDD: 305.42

CDU: 396

Bibliotecário: Arthur Leitis Junior - CRB 9/1548

ISBN 978-65-87448-04-6

Ref. 925

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua Ubaldino do Amaral, 321 – Alto da Glória

80060-195 – Curitiba – Paraná – Brasil

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2020



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Sumário

Prefácio / 7

Regina Przybycien

Introdução / 11

Amélia Siegel Corrêa

Anna Beatriz da Silveira Paula

Beatriz Polidori Zechlinski

Miriam Adelman

Memórias

O trabalho da memória: experiência, reflexão e subjetividade na escrita autobiográfica de Simone de Beauvoir / 29

Ana Paula Vosne Martins

Literatura e afetividade: uma abordagem da amizade no século XVII a partir das cartas de Madame de La Fayette a Gilles Ménage / 41

Beatriz Polidori Zechlinski

Para além de Sophie: a construção do modelo feminino nas obras *Les Conversations d'Émilie*, de Madame d'Épinay, e *Corinne*, de Madame de Staël / 71

Flora Morena Maria Martini de Araújo

Mary Wollstonecraft e a produção de romances sentimentais na Inglaterra setecentista / 95

Anadir dos Reis Miranda

Gênero e cidade na fotografia de Hildegard Rosenthal / 109

Amélia Siegel Corrêa

Interseccionalidades

Entre o Modernismo e a arte contemporânea: mulheres, gênero e sexualidade nas narrativas artísticas / 133

Milena Costa de Souza

Escritoras da Geração *Beat*: reflexões e apontamentos / 155

Miriam Adelman

Renata Senna Garraffoni

Gênero e política: algumas possibilidades sobre um caso paradoxal
(1928/1929) / 181

Natália de Santanna Guerellus

Estéticas da periferia, invisibilidade e mulheres: intersecções entre classe,
raça e gênero na música popular brasileira / 207

Mariana Corrêa de Azevedo

Pós-Colonialidades

Garotas gostam de pornô? Por dentro dos livros, dos filmes e do feminismo
de Erika Lust / 237

Carolina Ribeiro Pátaro

Exílio e deslocamentos em *Fasting, Feasting*, de Anita Desai / 259

Anna Beatriz da Silveira Paula

A literatura feminista em língua inglesa de escritoras negras
contemporâneas da África do Sul / 279

Joana d'Arc Martins Pupo

Sobre as autoras / 307

Prefácio

Regina Przybycien

As narrativas da História se concentraram nas ações dos homens. Eles ocuparam o centro do palco/mundo onde foram encenados os grandes eventos – guerras, revoluções, conquistas de territórios, subjugação de povos – que outros homens, como historiadores, filósofos, artistas, registraram. As mulheres permaneceram invisíveis nos bastidores, porque suas ações não eram consideradas relevantes. Suas vidas consistiam, em grande parte, em parir, cuidar, alimentar, tratar de tarefas concretas do cotidiano que não cabiam na narrativa heroica da História. Entretanto, algumas mulheres não ficaram presas aos papéis que lhes foram designados. Submetidas à tutela masculina e com pouca margem para atuação, elas, mesmo assim, conseguiram driblar as restrições sociais e realizar atos importantes para a cultura e as artes. Vistas em retrospecto, eram feministas, pois reivindicavam mais espaço e mais direitos para as mulheres.

Foi no século XX que se travaram os grandes embates do feminismo. Nas primeiras décadas, as demandas se concentraram, sobretudo, no direito ao voto, à educação e ao trabalho. Nos anos 1970, o foco se deslocou para a discussão do corpo e da sexualidade. A afirmação, de Carol Hanish, “o pessoal é político” se tornou o *slogan* da chamada segunda onda do feminismo, que voltou sua atenção para a vida privada e analisou como as relações de gênero são perpassadas pela dinâmica de poder nas sociedades. As discussões teóricas em torno da dicotomia público e privado trouxeram uma contribuição importante para os estudos, mas o recorte contemplava tão somente as experiências das mulheres brancas, heterossexuais, de classe média e alta dos países ricos. Surgiram, então, novos estudos que lançaram outros olhares para as relações de gênero, como, por exemplo, a convergência de patriarcalismo e racismo no caso das mulheres negras, da dupla subalteridade das mulheres de países periféricos e das identidades (ex)cêntricas

dos LGBTs. Seria mais correto falar de feminismos, no plural, em face da diversidade de proposições e de posições teóricas presentes nas publicações dedicadas ao tema.

A esse *corpus* diversificado vem se somar esta coletânea, *Lentes, pincéis e páginas: discursos de mulheres*, que reúne trabalhos das participantes do grupo de pesquisa Mulheres e Produção Cultural, ligado ao Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Federal do Paraná. Como sugere o título, o enfoque da obra é a mulher como autora. Dois recortes principais norteiam a composição do livro: um, diacrônico, resgata a memória de feministas do passado, e o outro, sincrônico, analisa produções artísticas mais recentes. A leitura conduz a uma constatação: embora as mulheres tenham saído dos bastidores da História e ocupado espaços cada vez mais amplos, os homens ainda estão no centro do palco.

Até o século XIX as autoras necessitavam de um mentor que as acolhesse e orientasse em seus desejos idiossincráticos de se tornarem escritoras. Somente com a chancela de um intelectual homem foi possível a algumas delas publicar suas obras. Em tempos mais recentes, isto é, no século XX, a posição das mulheres nos movimentos artísticos e culturais ainda é de subalternidade. Por vezes, estão inseridas nesses movimentos por suas condições de esposas, amantes e/ou musas de grandes artistas, como são os casos analisados nos capítulos sobre o Modernismo e a Geração *Beat*.

Na atualidade, há que se destacar a importância da literatura pós-colonial. As escritoras que permanecem “em casa” (isto é, em países que sofreram processo de colonização) apontam a dupla subordinação das mulheres, sujeitas às leis e costumes das culturas locais e às demandas de um mundo capitalista globalizado. As que emigraram de lugares periféricos para os grandes centros urbanos ocidentais exploram os espaços fronteiriços, nos quais os valores das culturas de origem e os da nova realidade, com frequência, entram em conflito, conduzindo à formação de novas identidades híbridas.

Dentre as análises das manifestações culturais contemporâneas, dois capítulos são dedicados às mulheres que tentam se firmar, como autoras, em espaços onde o machismo impera, como a música *funk* e o mercado de filmes e livros pornô.

A diversidade dos temas presentes nesta coletânea está em consonância com a natureza das pesquisas sobre autoria feminina. Elas resgatam do esquecimento as autoras do passado que as academias de letrados ignoraram na constituição dos cânones e dão visibilidade às intervenções das

mulheres na cena contemporânea. Esses estudos ainda são ignorados por parte dos intelectuais para quem o gênero não é uma categoria de análise viável. Não obstante, o conhecimento avança e, apesar das resistências e obstáculos, já constitui uma tradição própria, à qual se juntará o presente volume. É preciso lembrar, porém, que a história do feminismo não é uma narrativa do progresso contínuo das mulheres rumo a um futuro utópico no qual as desigualdades desaparecerão. Ela é feita de avanços e recuos, de períodos luminosos seguidos de outros obscuros. Cada época tem suas próprias batalhas a vencer.